

Híno da Páscoa

Levantou-se o herói de dentro do túmulo
 com grande energia
 e O encontrou o profeta
 e pôs-se a perguntar:-
 o que Te aconteceu meu Senhor,
 pois Tuas vestes estão vermelhas?
 E Teu lado está ferido
 e Tuas mãos estão perfuradas?
 “A prensa eu pisoteei no xeol
 como um herói,
 e Leviatã enfrentei sozinho,
 e em seu sangue me sujei,
 aleluia
 e me fiz vitorioso”.

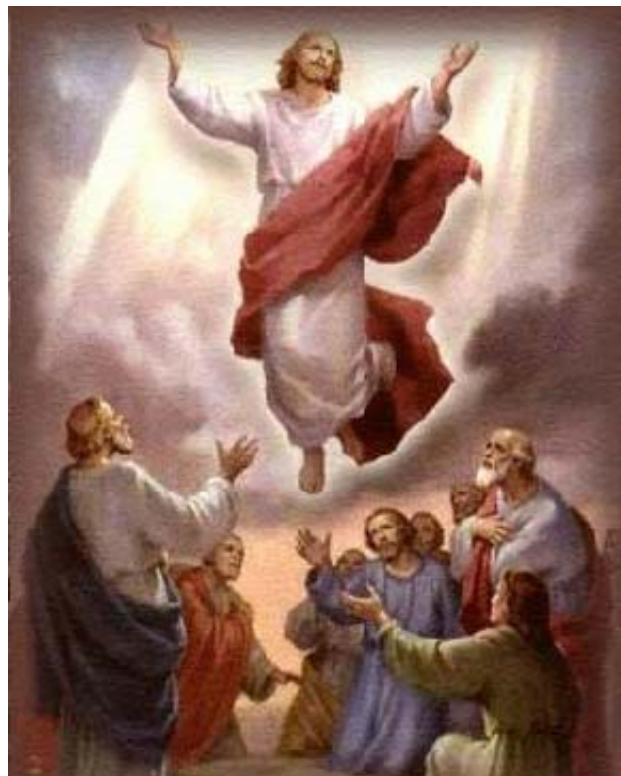
(S. Simão, o Oleiro – século VI d.C.)

[No original aramaico, a prensa é uma comparação da morte com a prensa de uvas onde todas as uvas que passam por ela são dizimadas. Xeol é o lugar onde ficam as almas dos mortos aguardando o seu julgamento. Leviatã ou serpente é a própria morte que tudo destrói].

*O Conselho, a Diretoria
 Executiva da Comunidade
 Beneficente Santa Maria, a
 Liga das Senhoras da Igreja de
 Santa Maria e o Revmo.
 Raban Gabriel, desejam a
 todos os fiéis da Igreja Siríaca
 Ortodoxa no Brasil*

Feliz Páscoa!

ܡܡ ܡܢܝ ܡܥ ܡܚܘܐ- ܡܘܪܘܐ ܡܢܘܐ



Minha Viagem em direção à Fé Ortodoxa (Parte II)
(My Journey to the Orthodox Faith - David A. Schneider)

O CRISTIANISMO PRIMITIVO

Quando nos casamos, decidimos frequentar uma grande igreja batista. Eu sentia que, muito provavelmente, seria o mais próximo daquilo que eu acreditava, porém, sem a loucura que experimentáramos anteriormente. Fiquei cada vez menos interessado na igreja e então, passamos a frequentar a igreja somente uma vez ao mês. No entanto, comecei a me interessar pelos escritos dos Santos Padres da igreja primitiva e pela língua grega do Novo Testamento. Não tentava descobrir qualquer verdade escondida ou esotérica, eu queria unicamente ter uma visão rápida do Cristianismo Primitivo que obviamente, já não existia mais.

Em 1999, enquanto “navegava” pela Internet, deparei-me com uma versão de texto de um livro antigo chamado Didaqué. O que era isso? Didaqué é um dos primeiros livros de instruções produzido pela Igreja primitiva. Alguns cristãos, lá atrás no tempo, queriam incluí-lo no Novo Testamento. Espere um pouco! Passei minha vida toda na igreja e nunca ouvira falar dele. Se era tão importante aos cristãos primitivos, por que ninguém falava dele? O Didaqué atraiu minha atenção e comecei a ler tudo que pudesse.

Lí Inácio, Clemente, Barnabé e outros, porém, houve dois que falaram mais alto; eram São Policarpo e São Justino, o mártir. Esses deram-me uma visão dos primeiros dias da fé. Policarpo é um grande modelo e teria sido uma personalidade e tanto para se encontrar. Quanto a Justino, eu realmente gostava dele pois ele possuía um profundo conhecimento acadêmico. Ele estudara filosofia e após converter-se ao cristianismo, defendeu a Fé Cristã das críticas pagãs e judias. Justino também deu-nos uma das primeiras descrições da celebração cristã. Aprendi algumas coisas sobre o cristianismo primitivo que me deixaram surpreso, por exemplo:

“E esse alimento, entre nós, chama-se “Eucaristia”, na qual a ninguém é permitido participar exceto aquele que acredita que as coisas que ensinamos são verdadeiras, e aquele que é lavado com a

purificação para a remissão dos pecados e renascimento e aquele que vive tal como Cristo ordenou. Pois, não é como pão comum e bebida comum nós a recebemos, porém, tal como Jesus

Cristo, nosso Salvador, após ter sido feito carne pela Palavra de Deus, possuía tanto carne como sangue para nossa salvação, assim também nós fomos ensinados que o alimento abençoado pela oração de Sua palavra, e do qual, pela transmutação procede, nosso sangue e carne são alimentados”. Justino o mártir, *Primeira Apologia*, em 150 d.C.

Isso soava como uma descrição moderna da teologia Católica Romana, porém, fora escrito por volta do ano 150 d.C. Inácio de Antioquia, que (de acordo com a tradição Siríaca) fora ordenado pelo próprio São Pedro, dissera algo semelhante em sua carta aos ismirmianos (N.T.: Ismirna é um porto no oeste da atual Turquia):

“Considere todos os que defendem opiniões hereges no que se refere à graça de Jesus Cristo o qual veio para nós...eles não confessam que a Eucaristia é o corpo de nosso Salvador Jesus Cristo.”

Eu aprendi outras coisas surpreendentes também: A Pregação não era a parte central da celebração primitiva. O ato principal da celebração Cristã era a Eucaristia.

Eu aprendi que, caminhando pela história do Cristianismo, qualquer questão ou disputa sobre o que a Bíblia diz, era resolvida referindo-se aos Patriarcas da Igreja, e não iniciando uma nova seita.

A Igreja primitiva possuía uma hierarquia constituída por bispos, sacerdotes e diáconos. Passei a acreditar que os escritos do primeiros patriarcas deveriam ter ascendência e autoridade sobre qualquer coisa escrita pelos autores modernos cristãos.

Após três anos de frequência irregular à igreja, eu confessei à minha esposa que não gostava mais de ir à igreja. Isso era muito difícil pois eu sabia quão importante era para ela. Ainda assim, eu estava sendo honesto- eu não tinha mais prazer em ir à igreja havia quase uma década! Por quê? Começara a perceber que havia uma “diferença de gerações” muito grande entre a Fé que eu conhecera e a Fé como era nos primeiros séculos. Também percebi que houvera um “revisão histórico” que acompanhava o protestantismo. Pelo simples fato de ler os Patriarcas da Igreja primitiva, era fácil perceber que aquilo que me haviam ensinado antes, sobre o Cristianismo primitivo não era verdadeiro.

Algumas igrejas evangélicas, pentecostais e carismáticas (aquelas com as quais eu me envolvera) ensinam que elas são um retorno ao “cristianismo puro” o qual se perdera; quando de fato elas são algo totalmente novo. Assim, para reivindicarem que possuem autoridade doutrinária, uma nova história ou mitologia deve ser reconstruída a favor delas. Elas ensinam de seus púlpitos que os cristãos “reais” e “verdadeiros” eram “subversivos” espirituais e foram martirizados por uma igreja apóstata e intolerante. Por causa da brutal opressão da igreja oficial, muito pouco disso pode ser documentado com nomes e datas específicos... isto é, até o século 16º ou 17º quando surgiram os anabatistas e menonitas. Aí, a formação dos Estados Unidos da América do Norte providenciou um ambiente no qual esses “verdadeiros” e “vitimados cristãos” puderam florescer novamente.

Da mesma forma, alguns batistas tentaram, de tempos em tempos, identificar sua seita com grupos como montanistas, albigenses, valdenses etc, argumentando que eles são parte do corpo histórico de cristãos que continuaram a existir através dos séculos. Muitos batistas chamam isso de: igreja da “trilha de sangue”.

No entanto, quanto mais eu aprendia sobre a história do Cristianismo, eu começava a fazer questões de difícil resposta. Se os batistas eram os verdadeiros cristãos do primeiro século, por que eles não ensinavam o Didaqué? Por que não usam a liturgia de São Tiago? Ou por que eles não possuem uma liturgia “mais velha” que a de São Tiago?

Se os batistas descendem dos montanistas, por que eles criticam o “sinal da cruz” como invenção dos católicos? Tertuliano que era defensor do sinal da cruz era, ele mesmo um montanista. Se os batistas

descendiam dos valdenses europeus, por que não há qualquer hino francês ou italiano nos hinários batistas? As igrejas valdenses usavam o francês ou italiano até o último século, bem depois da composição de muitos hinos batistas. E por que os modernos valdenses nunca reivindicaram qualquer associação com os batistas? As congregações valdenses que ainda existem se associam (nos Estados Unidos) com as seitas metodistas e presbiterianas.

Eu descobri que as inovações doutrinárias que se desenvolveram em Roma, nunca foram aceitas e nem agora são aceitas pelas Igrejas Orientais. E que jamais o Papa de Roma tivera qualquer autoridade para forçar alguma doutrina sobre os outros centros cristãos. O resto do mundo estava sob a autoridade dos Bispos de Antioquia, Jerusalém, Alexandria, Moscou e Constantinopla- todos em pé de igualdade com o Papa e todos independentes do catolicismo romano. Essa suposta opressão contra “os expulsos para o deserto” ou “igreja do rastro de sangue” que os evangélicos reivindicam não era um fenômeno universal visto que nem a Igreja Católica Romana ou a autoridade do Papa de Roma ultrapassava a Europa. Quais grupos os Bispos de Antioquia ou Jerusalém oprimiram que acreditavam o mesmo que os protestantes modernos? Se tais grupos existiram na Ásia, África ou Oriente Médio, nós saberíamos algo sobre eles pois teriam algum contato comprovado com outras minorias cristãs históricas, como os maronitas, coptas, nestorianos etc, ou ainda, teriam sobrevivido ao lado desses.

Eu fora criado e batizado como batista. Eu dou valor e aprecio muitas coisas das igrejas que frequentei e sei que somente uma minoria das igrejas ensina isso, porém, um olhar sério e honesto sobre a história do Cristianismo mostrou-me que: (1) nenhum dos grupos cismáticos nos primeiros mil anos do Cristianismo era semelhante aos batistas ou qualquer grupo protestante, e (2) muitas das tradições “católicas” que o imperador romano Constantino supostamente inventou – tal como: celebração litúrgica, sinal da cruz, bispos e padres- na verdade, antecederam Constantino por centenas de anos ou mais.

Além disso, havia TANTO do Cristianismo primitivo a entender: havia línguas antigas que continuavam vivas, sínodos da Igreja, escritos de pessoas que conheceram os Apóstolos, registros do que acontecera aos “setenta” que seguiram Jesus, etc. Não havia de balde qualquer incentivo ao aprendizado desse material na minha igreja. Se eu quisesse aprender sobre as pessoas mais

importantes do Cristianismo primitivo, eu deveria fazê-lo totalmente fora da igreja, como se fora um passatempo (N.T.: sempre que o autor se refere à “igreja”, trata-se das igrejas batista, evangélica e outras que ele freqüentara).

Enquanto isso, minha esposa rezava secretamente para que eu me interessasse novamente pela igreja. Com ela tenho uma dívida de gratidão por sua paciência e compreensão. Pouco eu desconfiava que sua oração simples e desprendida teria tamanho impacto em minha vida.

A BÍBLIA: LÍNGUA E ORIGENS

Tudo se tornava interessante. Aprender sobre as fontes do Novo Testamento me expunha a complexidades e problemas enfrentados pelos tradutores. Por exemplo, quando os estudiosos se punham a traduzir os manuscritos gregos ao idioma inglês, eles precisavam decidir quais fontes gregas deveriam usar pois, nem todas eram consistentes. Além disso, os estudiosos deveriam utilizar sua intuição ao traduzir algumas passagens ou palavras. Quando lemos a Bíblia, depositamos muita confiança nos PhDs para conduzir de forma exata o significado das Escrituras (N.T.: PhD é a sigla de doutor em filosofia, o mais alto grau de uma universidade). Algumas pessoas dirão que o Espírito Santo fará com que as traduções sejam corretas. Precisamente, qual tradução o Espírito Santo “protegerá”? Temos versões da Bíblia que refletem inúmeras variações de tradução. Até mesmo as mais “exatas” e modernas traduções inventam um pouco só para certificarem que o texto casa com suas doutrinas preferidas (exemplo: remoção da palavra “tradição” de II Tessalonicenses 2:15 e 3:6) e às vezes, material duvidoso que pode não estar no texto original é mantido e não apontado ao leitor, pois, doutrinas importantes foram baseadas naquelas passagens (por exemplo: a adição da palavra “sola” que Lutero fez, criando “sola fide” ou seja “somente a fé”). Em tese, seria possível encontrar uma Bíblia que suportasse perfeitamente a tua doutrina e alguém discordaria contigo e por sua vez, encontraria uma Bíblia que suportaria a sua doutrina. Nós vemos que traduções recentes, propositalmente alteraram a Bíblia para torná-la “politicamente correta” e “neutra quanto ao gênero”. Fico imaginando se há uma tradução moderna que não reflita a polarização de seus tradutores! Traduzir ao pé da letra não é suficiente. Se se traduzisse do grego literalmente, não teria nexos, é preciso conhecer o contexto para trazer as idéias ao inglês de forma que tenha significado.

O que mais me desencorajava era que mesmo se pudesse encontrar uma tradução que não refletisse a polarização de alguém, ainda assim, haveria idéias que nunca poderiam ser traduzidas com precisão ou sucesso de uma língua para outra. Cada língua carrega consigo um conjunto próprio de idéias. Podemos encontrar filosofias completas numa língua definida que não pode ser comunicada de qualquer outra forma. Uma boa ilustração disso são as religiões tribais dos indígenas da América. Não se pode aprender as religiões desses indígenas através de livros obtidos em livrarias (apesar do que nos querem fazer crer os neo-pagãos)- crenças e costumes tribais autênticos se aprendem na língua tribal pois as idéias e conceitos não podem ser explicados em inglês ou qualquer outro idioma.

Então, onde podemos achar alguém que entenda todo o conjunto de idéias próprias de uma língua? No lugar onde tal língua é falada. Eu suponho que o melhor lugar para se procurar uma interpretação histórica e confiável do antigo “koine” grego seria a Igreja Grego Ortodoxa. Ainda assim, isso não seria suficientemente bom, pois, como dissera, há algumas idéias que jamais serão traduzidas com precisão e sucesso de uma língua para outra. Sim, os Evangelhos foram escritos em grego - mas Jesus falava aramaico.

Aramaico é primo do hebraico e do árabe. Durante a vida de Jesus, a maioria dos povos semitas do Oriente Médio falava aramaico, inclusive os judeus. O hebraico havia caído em desuso, em parte por causa do exílio dos judeus, séculos antes e assim, havia poucas pessoas que falavam hebraico naqueles dias. Algumas vezes, na Bíblia, ela menciona a “língua hebraica” que Jesus falava mas de fato, as palavras registradas no texto não são hebraico; elas são aramaicas (como quando ele gritou: *eloi, eloi, lama sabachthani*, em Mateus 27:46). Quando os autores dos Evangelhos escreveram “língua hebraica” eles se referiam à língua falada pelos povos hebreus que, naquele tempo era o idioma aramaico.

Assim, eu chegara a um beco sem saída. Se as idéias podem se perder na tradução do grego ao inglês, então, com certeza, as idéias foram perdidas quando as palavras de Jesus foram traduzidas do original aramaico ao grego. Aramaico era uma língua morta, então, não havia mais quem pudesse entender o pensamento e idéias próprias daquela língua. Eu estava desagradavelmente preso com o que quer que a Igreja Grega Ortodoxa tivesse para falar.

Depois que nos mudamos para a cidade de Oklahoma, no início de 2000, eu adquiri um livro da Borders chamado: Uma história do Problema Sinótico: o Cânone, o Texto, a Composição e a Interpretação dos Evangelhos (A History of the Synoptic Problem: the Canon, the Text, the Composition, and the Interpretation of the Gospels), escrito por David Laird Dungan (1999). Esse livro é um estudo acadêmico, porém, de leitura muito fácil sobre o antigo “Problema da Sinopse”, isto é, como reconciliamos os diferentes registros da vida de Jesus apresentados pelos quatro Evangelhos. Esse debate está presente desde antes de ser fixado o cânone bíblico. O autor David Dungan dá uma história concisa e interessante de como o Problema das Sinopses fora abordado por sábios como Orígenes, Agostinho, Erasmo, Espinoza e John Locke. Ele também descreve as abordagens econômicas e políticas que influenciaram as interpretações bíblicas durante o passar dos séculos. Em parte, o propósito de Dungan ao escrever esse livro era o de conscientizar o público que o tão popular “Jesus Seminar” não representava os pontos de vista da maioria dos estudiosos da Bíblia e ele argumenta que o consenso entre os sábios, desde o antigo até o moderno, é de um método muito mais confiável para julgar a historicidade e confiabilidade do Novo Testamento. (N.T. “Jesus Seminar” é um grupo de estudiosos dos Estados Unidos que tenta provar apenas o lado histórico da vida de Jesus Cristo, negando todos os milagres que Ele realizou.)

Foi um livro e tanto e nele eu aprendera muito sobre a história da Bíblia. Eu aprendi que a Igreja durante o primeiro século viveu por 30 ou 40 anos sem os livros do Novo Testamento. Eu nunca imaginara isso antes. Assim, obviamente, Sola Scriptura, não poderia ter sido uma doutrina da Igreja do primeiro século. Sim, eles possuíam o Antigo Testamento, porém, os ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos foram, de início, uma tradição oral. Eu fiquei perplexo ao saber que mesmo após serem escritos os livros do Novo Testamento, a Igreja passara outros 300 anos sem acordo sobre o conjunto de escrituras.

Depois, veio o tempo em que a Igreja Cristão como um todo precisava de um conjunto comum de escrituras bem definidas a fim de ensinar os fiéis, para o uso comum da liturgia e enfrentar as heresias que surgiam em abundância. Diversos sínodos foram convocados para discutir isso (e outras questões importantes). Então, dentre todos os escritos cristãos importantes disponíveis naquele tempo, quais seriam escrituras inspiradas?

Mais importante ainda, quem decidia quais livros seriam considerados “Sagrada Escritura”? Esse processo era muito importante para ser aberto para qualquer um que se auto denominasse cristão. As únicas pessoas suficientemente confiáveis para definirem a Sagrada Escritura seriam os *episkopoi* (anciãos, supervisores) que fielmente passavam adiante os ensinamentos dos Apóstolos e cuidavam das interpretações tradicionais do cristianismo. Onde a Igreja primitiva achava tais homens? Esses eram aqueles cuja linhagem de liderança poderia ser traçada de volta aos Apóstolos (Sucessão Apostólica). Em outras palavras, eles eram os *episkopoi*, ou bispos, das antigas Igrejas de Antioquia, Constantinopla, Roma, Alexandria e Jerusalém. Duas coisas ficaram claras: 1) a Bíblia era um produto da Igreja cujo propósito era dar suporte à Tradição existente, 2) o processo não estava aberto a igrejas independentes, evangelistas viajantes ou qualquer um que se sentisse “chamado”.

Outro detalhe que se sobressaía no livro era a descrição dada por Dungan de como o “Textus Receptus” (o texto grego que é base para a versão do rei James) fora montado. Ele conta como os editores competiam para publicar um texto em grego antes que a Igreja de Roma o fizesse, dessa forma “conquistariam o mercado”. Os editores possuíam um programa econômico bem definido. Erasmo, o sábio que fora contratado para montar o texto, estava sob grande pressão do tempo. O trabalho começara no outono de 1515 e a impressão saiu em fevereiro de 1516. Como resultado, Erasmo não pode revisar o seu trabalho comparando-o com manuscritos confiáveis que existiam em outras partes da Europa e, posteriormente, fora pressionado pela Igreja Romana para incluir passagens que ele mesmo sentia que não eram pertinentes (por exemplo as “Três Testemunhas Celestiais” de 1 João 5:7-8, que desde então pode ser encontrada em quase todas as edições do “Textus Receptus”). A velocidade com que o livro fora impresso significava que continha milhares de erros tipográficos. Pior ainda, o texto fora mal editado e de forma apressada a partir de alguns poucos manuscritos. Então essa era nossa Bíblia. (N.T.: o autor refere-se à versão do rei Jaime – King James Bible, a partir da qual todos os protestantes fizeram suas traduções e versões). Meu Deus! Parece que não se podia mais confiar nem no grego!

Cheguei à conclusão que, de toda essa incerteza, nós PRECISAMOS mesmo de algo independente da Bíblia e que não dependesse do indivíduo para sabermos como as Escrituras deveriam ser

traduzidas corretamente aos iniciantes e então interpretar seu significado objetivamente. Sem tal mecanismo, o intérprete perfeito seria o indivíduo. Mesmo então, o indivíduo estaria interpretando tão somente o que um tradutor particular teria escrito.

Então, pensei: – Está bem, se o intérprete perfeito é o indivíduo, então nenhuma Igreja poderá reivindicar que ela é mais “certa” que as outras. Uma interpretação rastafariana da escritura seria tão válida e deveria ser considerada tão séria quanto a da Faculdade Bíblica de Wheaton ou da Igreja Católica Romana. O problema é que cada grupo pretende que sua interpretação particular é a correta. Bem, quem está certo? Então, ocorreu-me que – com certeza essas Igrejas históricas devem possuir uma **tradição** – **ESSE** é o mecanismo. Tradição é o contexto através do qual elas interpretam as Escrituras e mantém uma interpretação consistente através dos séculos. Foi assim que se preservou a crença cristã antes de ser definido um conjunto de Escrituras. Agora eu teria que olhar com muita atenção os grupos evangélicos porque a **maioria das seitas protestantes NÃO mantiveram crenças e práticas consistentes** nem ao menos numa geração. Por exemplo, inúmeros protestantes não gostam de ser excluídos da comunhão quando visitam uma igreja católica romana. Eles sentem, tal como eu também sentia, que seu cristianismo é tido como não “ser suficientemente bom”. No entanto, essas mesmas denominações que hoje possuem comunidades “abertas”, também praticavam a exclusão de outros, não mais que um século atrás.

ORTODOXIA- NÃO É O QUE EU PENSAVA

Comecei a ler sobre a Igreja Grega Ortodoxa e descobri que ela não era completamente grega. Era uma rede ou confederação de igrejas multi-étnicas unificadas por suas doutrinas, sem uma autoridade central como a Igreja Romana Católica. Eu entendi a idéia de línguas litúrgicas – a Igreja Romana Católica usou o latim durante os primeiros séculos e é por isso que ela possui o *latim* até hoje. As igrejas gregas usavam o *koiné*, por isso a Igreja Ortodoxa preservou o *koiné*, mas jamais imaginara que isso houvesse ocorrido em outras partes do mundo também. Eu descobri que as igrejas primitivas usavam qualquer língua local falada pelo povo.

Por exemplo, lembra em Atos 8:27, quando Felipe explica as Escrituras ao eunuco etíope? Quando o eunuco voltou à Etiópia, a igreja local utilizava a língua Geez; assim, por séculos a Igreja Ortodoxa Etíope preservou aquela língua. Da mesma forma, a igreja primitiva fundada por São Marcos no Egito usava tanto o grego quanto o egípcio pois ambas eram faladas pelo povo (lembre-se que o árabe chegou mais tarde quando os maometanos invadiram lá, no século VII). Eu fiquei surpreso ao saber que as igrejas Ortodoxas no Egito não somente usavam o grego, mas haviam também preservado a língua antiga do Egito. Essa língua dos faraós chama-se *Copta*. Eis agora o chantilly sobre o bolo – as igrejas na Síria e Ásia Menor, em seu início usavam o idioma *Aramaico*, e, sim, até hoje essas igrejas naquelas regiões ainda usam o **Aramaico**, a língua falada por Jesus. O idioma **Síriaco** ou **Aramaico** moderno, é utilizado nas igrejas e ainda é falado no dia a dia de alguns lugares. Isso era surpreendente: **que uma igreja houvesse preservado um laço histórico tão estreito com o Cristianismo original.**

Dessa forma, há um lugar para onde podemos ir e entender o pensamento e as idéias que eram parte da língua e cultura de Jesus! Já que as línguas originais haviam sido preservadas e ainda estavam em uso, talvez, então fosse possível encontrar uma tradução confiável da Bíblia, fiel aos significados e idéias originais. Teria a Igreja Ortodoxa essa tradução?

Mesmo se possuíssem, como poderia eu ter certeza que as interpretações dessas igrejas Ortodoxas seriam confiáveis e não modificadas para adaptar tudo a suas doutrinas favoritas? Muito fácil. Basta compará-las com os escritos dos Pais da Igreja. Seriam similares? Não, não eram similares; **eles eram os mesmos**. Interpretação bíblica na Fé Ortodoxa era e é a dos Pais da Igreja. Os Pais da Igreja não eram somente reverenciados como autoridades mas eles eram dessas igrejas – e membros do clérigo nessas igrejas- agora chamadas de Ortodoxas.

Durante a missa, todo fiel deve comportar-se de acordo com o ritual da Igreja. Uma parte importante é quando o sacerdote vira-se ao povo e lhes dá a bênção, fazendo o Sinal da Cruz para o povo. Isso ocorre três vezes: após a declaração de fé (Credo), antes de se fecharem as cortinas do altar para que o sacerdote parta o Pão e o molhe com Vinho para a comunhão do povo e ao final da missa.

Nessas três ocasiões, os fiéis deverão inclinar a cabeça e mantê-la assim até que o sacerdote termine a bênção. Nas duas primeiras, ao mesmo tempo em que o sacerdote faz o Sinal da Cruz, os fiéis, de cabeça inclinada também devem fazer o Sinal da Cruz. Na despedida final, o sacerdote faz três vezes o Sinal da Cruz e os fiéis, de cabeça inclinada, também farão três vezes o Sinal da Cruz.

PROJETO

Movimentos Culturais de 2008

Em **Maio** terá início o **ciclo de palestras sobre a música oriental**, que serão conduzidas pelo prof. Cláudio Keiruz. A primeira palestra está prevista para **28 de maio às 20:30 horas no Salão Anexo da Igreja**. As palestras estarão abertas a qualquer pessoa e serão proferidas em língua portuguesa. Não é preciso saber música. Não há inscrição e nem será cobrada qualquer taxa, basta comparecer no dia e horário.



EVENTOS MAIO-2008

10

Reunião dos Jovens da Comunidade Síriaca

Em **10 de maio de 2008**, às **15:00h**, será realizada a **1ª Reunião do Movimento dos Jovens** de nossa Comunidade. Poderá participar qualquer jovem (moços e moças) a partir de 13 anos de idade. A Reunião ocorrerá no Salão Anexo da Igreja e visa o convívio dos jovens. Não é necessário cadastrar-se, basta comparecer.

30

Coquetel Beneficente de 2008

A Liga Beneficente das Senhoras Sirian Ortodoxa Santa Maria promoverá em **30 de maio** (sexta-feira) um **coquetel beneficente**, às **20:30 horas**. A finalidade é arrecadar fundos para as obras sociais da comunidade. O coquetel terá lugar no Salão do Buffet Evidence e deverá prolongar-se até às 23:00 horas. Os convites estão à venda com Sra. Jaqueline Bustamante (tel. 11-9963 5542).